

UMA ANÁLISE DAS MEMÓRIAS DE ANNE FRANK NA NOVELA GRÁFICA *O DIÁRIO DE ANNE FRANK* EM QUADRINHOS

Maria Isabel BORGES¹
Natália Marques de JESUS²

RESUMO: Objetiva-se, neste artigo, caracterizar a linguagem dos quadrinhos na obra *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, de modo a possibilitar a construção dos sentidos nela presentes. Metodologicamente, foram feitos: um levantamento dos principais fatos ocorridos durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial; uma pesquisa bibliográfica sobre linguagem quadrinística, gêneros discursivos, diário e novela gráfica; uma interpretação por amostragem de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, de Ari Folman e David Polonsky, publicado pela Editora Record, em 2017. Observaram-se, após a análise, os seguintes aspectos: a) uso de legendas para expor a voz narrativa de Anne e balões-fala para retratar as interações verbais; b) presença de personagens fixas, apresentadas ao leitor antes da trama, cujas características foram ampliadas no desenrolar do enredo; c) multiplicidade de tempos e espaços (físicos e simbólicos); d) personificação do diário como figura feminina, a Kitty. Trata-se de uma HQ biográfica no formato de novela gráfica, pois apresenta a linguagem dos quadrinhos em sua composição, configurando uma sequência narrativa híbrida (imagem e palavra), que reconta a autobiografia em prosa de Anne, publicada em 1947, sob o olhar de novos autores. Portanto, o formato de novela gráfica constitui o suporte pelo qual a HQ biográfica foi publicada.

PALAVRAS-CHAVES: *O diário de Anne Frank em quadrinhos*. Linguagem dos quadrinhos. Memórias.

AN ANALYSIS OF THE MEMOIRS OF ANNE FRANK IN *ANNE FRANK: THE GRAPHIC DIARY*

1 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Atua como docente e orientadora no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) e no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). Coordenadora dos projetos de pesquisa "Quadrinhos e Análise Linguística" (2017-2021) e "Quadrinhos e Análise Linguística: as personagens em atuação nas novelas gráficas" (2021-2024). Endereço eletrônico: <belborges1@hotmail.com>.

2 Mestranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Colaboradora dos Projetos de Pesquisa Citados no Trabalho. Endereço eletrônico: <natalia.mdejesus@gmail.com>.

ABSTRACT: The aim of this presentation is characterizing the quadrinistic language in the work *The Anne Frank: the graphic diary*, in order to enable the construction of the senses present in it. Methodologically, the main facts that occurred during the First and Second World War was surveyed, as well as a bibliographical research on a quadrinistic language, discursive genres, diary and graphic novel, and a sample interpretation of *Anne Frank: the graphic diary*, by Ari Folman and David Polonsky, published in Portuguese by Record Publishing House, in 2017. These aspects were observed after an analysis: a) use of subtitles to expose the narrative voice of Anne and speech-bubbled to portray the verbal interactions; b) presence of fixed characters, presented to the reader before the plot whose characteristics were expanded in the course of the plot; c) multiplicity of times and spaces (physical and symbolic); d) personification of the diary as a female figure, Kitty. It is a biography in the form of a graphic novel, because it is composed with quadrinistic language, configuring a hybrid narrative sequence (image and word); it recounts in prose Anne's autobiography, published in 1947, under the eyes of new authors by the format of graphic novel.

KEYWORDS: *Anne Frank: the graphic diary. Quadrinistic language. Memoirs.*

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o objetivo é caracterizar a linguagem dos quadrinhos presente na obra *O diário de Anne Frank em quadrinhos*³, publicada em 2017, por Ari Folman e David Polonsky, pela editora Record. O objeto de estudo é uma versão em quadrinhos do texto em prosa, publicado em 1947, que retrata, por meio da narrativa de Anne Frank, os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), testemunhados por ela e família. Trata-se de um relato feito por meio de um diário. Nesse período, aproximadamente seis milhões de judeus foram mortos vítimas do antissemitismo⁴, liderado por Adolf Hitler, na Alemanha.

Em meio às perseguições, muitas famílias judias buscaram refúgio em outros países, porém nem todas obtiveram êxito. Tal fato também ocorreu com a família Frank, que, não conseguindo fugir da Alemanha, viveu, durante dois anos, em um esconderijo secreto. Em busca de abrigo, a família Van Pels e o senhor Fritz Pfeffer também recorreram ao esconderijo. O grupo de refugiados era composto por oito pessoas. O diário de Anne só foi publicado após

3 Intitulada originalmente como: *Anne Frank: the graphic diary*, tradução de Raquel Zampil.

4 "Doutrina ou movimento contra os judeus" (CARNEIRO, 2005, p. 6).

sua morte em 1947, quando Otto Frank — único sobrevivente do esconderijo — o encontrou e decidiu torná-lo público.

De acordo Santos e Vergueiro (2012), as histórias em quadrinhos (doravante HQs) sofreram muita rejeição por parte dos educadores, pois elas eram vistas como forma de entretenimento, e não como uma ferramenta de ensino. Somente no final da década de 90, elas começaram a conquistar espaço nas escolas brasileiras. Para fundamentar seus estudos, os autores se basearam nos Parâmetros Curriculares Nacionais da língua portuguesa (PCNs) (BRASIL, 1998). Segundo o documento, as HQs podem ser trabalhadas tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. Desse modo, cabe ao professor adequar o conteúdo de acordo com o grau de escolaridade dos alunos. Além disso, é importante que os professores saibam abordar tanto a linguagem verbal quanto a visual das HQs, explorando as temáticas e incentivando os alunos a buscarem os efeitos de sentidos presentes no texto (BRASIL, 1998).

Aos poucos, as HQs foram conquistando espaço no ambiente escolar e, atualmente, aparecem com frequência em vestibulares e processos seletivos, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). No entanto, apesar de estarem conquistando espaço no ensino básico, Ramos e Vergueiro (2009) defendem o estudo das HQs no meio acadêmico. A inclusão das HQs na academia traria mais prestígio e autonomia para os gêneros quadrinísticos. Além disso, o uso de HQs no ensino superior acarretaria na formação de profissionais das Letras, Educação e outras áreas preparados para trabalhar com a linguagem dos quadrinhos nas escolas.

De acordo com Ramos (2010, p. 14), “[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem”. Desse modo, com a realização do plano de trabalho de “Uma análise das memórias de Anne Frank na novela gráfica *O diário de Anne Frank em quadrinhos*”, procurou-se verificar como a linguagem quadrinística foi empregada na composição de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (2017).

No desenvolvimento, efetuou-se, em primeiro lugar, uma contextualização sócio-histórica sobre o período em que a obra *O diário de Anne Frank* (1947) em prosa foi escrita.

Tal contextualização teve como embasamento os estudos de Vizentini (2003) e Carneiro (2005). Em seguida, efetivou-se a análise da linguagem dos quadrinhos presente em *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, de Ari Folman e David Polonsky (2017), editora Record. Para a análise do objeto, foi feito um levantamento sobre a linguagem dos quadrinhos, a partir dos estudos de: Acevedo (1990), Borges (2017), Cagnin (2014) e Ramos (2010). Além disso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003), novela gráfica (GARCÍA, 2012; RAMOS, FIGUEIRA, 2014) e diário (LEJEUNE, 1998).

Neste trabalho, com base nas ideias de Ramos e Figueira (2014), *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (2017) é visto como uma HQ biográfica no formato de novela gráfica. De um lado, trata-se de uma HQ biográfica, pois os autores Ari Folman e David Polonsky recontam a autobiografia de Anne, publicada em 1947 e retratada na forma de um diário, fazendo uso da linguagem dos quadrinhos. De outro, consiste em uma novela gráfica por se tratar de um suporte pelo qual a HQ biográfica foi publicada.

As personagens, a distribuição das vinhetas, as onomatopeias, as linhas cinéticas, os balões, as legendas, o espaço e o tempo são alguns dos elementos que compõem a linguagem quadrinística. Durante a análise da obra *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (2017), os recursos quadrinísticos que mais se destacaram foram: os balões e as legendas, as personagens, o tempo e o espaço, os planos e ângulos de visão e a distribuição das vinhetas. Vale ressaltar que a análise do objeto foi feita por amostragem e sob o olhar interpretativista. Optou-se pela análise de fragmentos, pois a obra é extensa e não seria possível analisar a HQ por completo neste trabalho.

CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE PRODUÇÃO: ASPECTOS GERAIS

O diário de Anne Frank foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Portanto, para o leitor, torna-se necessária a apresentação dos acontecimentos principais



relacionados ao contexto sócio-histórico em que a obra foi produzida. Entre os séculos XIX e XX, os Estados Unidos e as grandes potências europeias disputavam territórios para a expansão e para dominar diversas áreas estratégicas pelo mundo. Após a Revolução Industrial e o surgimento do capitalismo, o desequilíbrio econômico cresceu e, conseqüentemente, a competição entre os países aumentou (RODRIGUES, 1988). Dessa forma, em 1914, iniciou-se a Primeira Guerra Mundial, devido a vários fatores relacionados à economia mundial e aos domínios de territórios.

Durante a guerra, alguns países se uniram para obter melhores resultados nos conflitos. Assim, surgiram dois grupos: a Tríplice Aliança, composta pela Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália; e a Tríplice Entente, formada pela Inglaterra, França e Rússia (RODRIGUES, 1988). Em 1917, alguns países começaram a sugerir o fim da guerra. No entanto, em meio às propostas de paz, a Alemanha insistia em atacar seus inimigos (VIZENTINI, 2003). Somente em 1919, a Alemanha acatou a proposta de paz e a guerra chegou ao fim. Finalizada a guerra, foi elaborado o Tratado de Versalhes: documento que selava a paz entre as potências “vencedoras” da Primeira Guerra Mundial e a Alemanha derrotada (VIZENTINI, 2003).

Ainda em 1919, ocorreu a Conferência de Paris, na qual foram tomadas as decisões diplomáticas contra a Alemanha. Esta perdeu suas colônias, ficou proibida de formar forças armadas, foi culpabilizada pela guerra e precisou pagar indenizações aos países “vencedores” (VIZENTINI, 2003). Devido às medidas pós-guerra, a Alemanha teve prejuízos financeiros e econômicos. Com isso, a inflação subiu de forma desproporcional, gerando desemprego em massa no país (CARNEIRO, 2005).

Em 1933, Adolf Hitler — líder do *Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães*, o Partido Nazista, fundado em 1920 — aproveitou-se da crise econômica do país para pronunciar discursos que elevavam o ego dos alemães (CARNEIRO, 2005). Por volta de

1934, o partido liderado por Hitler desrespeitou o Tratado de Versalhes ao iniciar um programa de rearmamento na Alemanha (CARNEIRO, 2005).

Por meio de seus discursos, Hitler pregava a ideia da unificação do povo alemão (teoria do espaço vital), o qual estava espalhado por toda a Europa. Essa unificação seria utilizada para justificar o expansionismo nazista pelo mundo (VIZENTINI, 2003). Buscando expandir os territórios ocupados pela Alemanha, em dia 1º de setembro de 1939, Hitler e suas forças armadas invadiram a Polônia — território pertencente a eles até a Primeira Guerra Mundial.

Após a invasão da Polônia, países como a França e o Reino Unido exigiram que a Alemanha recuasse e desistisse das invasões. No entanto, diante da insistência do exército alemão em ocupar novos territórios, a França e o Reino Unido declararam guerra à Alemanha, iniciando a Segunda Guerra Mundial (1939). Entretanto, como ocorreu durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918), surgiram novamente dois grupos de países aliados: o Eixo, constituído pela Alemanha, Itália e pelo Japão; os Aliados, formados pela União Soviética (doravante URSS), os Estados Unidos (doravante EUA), o Império Britânico e a China. (VIZENTINI, 2003).

Quadro 1 — Principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

7 de dezembro de 1941	O Japão atacou a base naval de Pearl Harbor, no Havaí. Notando o enfraquecimento dos EUA, a Alemanha e a Itália também entraram em conflito com os americanos.
1942	Ocorreu a Batalha de Stalingrado — a mais sangrenta ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial. Na ocasião, Hitler invadiu Stalingrado, uma das cidades mais industrializadas da URSS e responsável por grande parte da produção de armas do Exército soviético. Após 200 dias de combate e muitas mortes, cerca de 200 mil soldados alemães se renderam às forças armadas de soviéticas.
setembro de 1943	A Itália firmou trégua com os Aliados e se voltou contra os países do Eixo.
	Ocorreu o Dia D, a maior operação militar aeronaval da história. Nesse dia, o exército dos Aliados desembarcou nas praias da Normandia, norte

6 de junho de 1944	da França, expulsando os alemães e libertando a França do domínio nazista. Ainda em 1944, o Exército Vermelho libertou a Polônia das mãos dos alemães e iniciou uma grande ofensiva contra os nazistas.
Abril de 1945	Os soviéticos atacaram Berlim, fazendo com que ocorresse a queda definitiva do exército alemão.
30 de abril de 1945	Vendo a situação da Alemanha e temendo ser morto pelo exército inimigo, Hitler suicidou-se.
2 de maio de 1945	Os alemães cederam.
7 de maio de 1945	Os alemães assinaram a rendição incondicional da Alemanha.

Fonte: Vizentini (2003) e Carneiro (2005).

No entanto, a guerra acabou definitivamente com a rendição do Japão, em 15 de agosto de 1945, após os EUA lançarem duas bombas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Pela primeira vez na história, uma arma nuclear foi usada em combate.

O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS E O HOLOCAUSTO

Hitler assumiu a Presidência da Alemanha em 1934. “Por intermédio dos meios de comunicação e de uma polícia especial, o terror e o ódio às raças consideradas impuras se propagaram. A população foi aliciada e mobilizada de tal forma que passou a aceitar a idéia⁵ de que os judeus eram indivíduos perniciosos e, comparados a vermes, animais pestilentos e vírus, deveriam ser eliminados” (CARNEIRO, 2005, p. 11). Os discursos manipuladores de Hitler estimularam o Holocausto⁶ na Alemanha e em outros países dominados pelos alemães, como: Bélgica, Polônia, Estônia, Noruega, Itália, França. Nesse período, os nazistas perseguiram grupos que eram julgados por Hitler como raças impuras, as quais prejudicavam

⁵ A ortografia é anterior à implantação do Acordo Ortográfico.

⁶ “Holocausto ou *Shoah*: *Shoah*, muitas vezes, é traduzido imprecisamente como Holocausto. Cabe aqui uma distinção, apesar de ambas as palavras serem empregadas para explicar um mesmo fenômeno. *Shoah*, palavra hebraica que significa *destruição, ruína, calamidade* (cf. Isaías, 10:3), é utilizada em Israel para designar o extermínio dos judeus na Europa nazista. *Holocausto*, do grego *holókauston*, significa *sacrifício em que a vítima era queimada inteira*. Entre os antigos hebreus, possui o mesmo significado” (CARNEIRO, 2005, p. 5).



a nação alemã. Deficientes físicos, comunistas, ciganos, negros e, principalmente, os judeus foram perseguidos, torturados e mortos pelos nazistas (CARNEIRO, 2005).

Os judeus foram proibidos de frequentar vários lugares, sendo afastados pouco a pouco da vida política, econômica e social do país. Eles perderam seus empregos e sofreram constantes agressões em público. Além disso, livros produzidos por judeus foram retirados das bibliotecas e queimados. Como se não bastasse toda violência física, psicológica e moral sofrida pelos judeus, eles ainda eram encaminhados para campos de concentração, onde eram utilizados como cobaias para experimentos médicos e, depois, mortos em câmaras de gás. Seus corpos eram queimados e enterrados em valas coletivas (CARNEIRO, 2005).

A perseguição sofrida pelo povo judeu fez com que buscasse refúgio em outros países. Um exemplo desse fato foi a família Frank⁷, composta por Anne Frank, Margot Frank, Otto Frank e Edith Frank. A partir do desenvolvimento do antissemitismo, a família deixou a Alemanha e se mudou para a Holanda, onde Otto Frank conseguiu abrir sua própria empresa. Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, após a Alemanha invadir a Polônia, a família Frank refugiou-se em um esconderijo (o Anexo Secreto), localizado no prédio em que ficava a empresa de Otto. Após um tempo morando no Anexo Secreto (FIGURA 1), a família Frank passou a dividi-lo com a família Van Pels e o dentista Dr. Dussel.

⁷ Os dados sobre a família Frank foram retirados da página oficial **Anne Frank House**. (Disponível em: <<https://web.annefrank.org/pt/Anne-Frank/>>. Acesso em: 20 jun. 2019).

FIGURA 1 — O Anexo Secreto



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 29).

Antes de irem morar no Anexo Secreto, Anne Frank (filha mais nova de Otto Frank) ganhou um diário em seu aniversário. A garota passou a tratá-lo como uma espécie de melhor amiga, a “Kitty”, nome do gênero feminino atribuído por Anne. Nesse diário, Anne Frank relatou todos os momentos vividos no Anexo Secreto.

Após o esconderijo ser descoberto e esvaziado pelas tropas alemãs, no dia 4 de agosto de 1944, Miep Gies (funcionária de Otto) encontrou o diário de Anne e o entregou para Otto. É importante ressaltar que os moradores do Anexo Secreto foram encaminhados

para campos de concentração e quase todos faleceram, exceto Otto. Após receber o diário, em 1947, Otto decidiu publicá-lo, dando origem à obra *O diário de Anne Frank*.

Em 2017, setenta anos após a primeira publicação de *O diário de Anne Frank* (1947), o texto literário foi reinterpretado pelo roteirista e cineasta Ari Folman e pelo ilustrador David Polonsky e publicado como diário biográfico na versão em inglês. Em relação à tradução em português, neste trabalho, é vista como HQ biográfica no formato de novela gráfica. Em uma entrevista à editora Record (2017)⁸, Folman afirmou que a criação de uma releitura em quadrinhos da obra de 1947 possibilita o acesso das crianças à história de Anne e ao sofrimento vivenciado pelos judeus na época da Segunda Guerra Mundial.

Com a diminuição do número de leitores, hoje em dia, é essencial que essa história continue a ser contada, de maneiras diferentes. *O Diário de Anne Frank em quadrinhos* é uma solução para a próxima geração, porque apresenta uma solução visual, retratando a história de Anne Frank, adaptando-se ao gosto de leitores mirins de hoje. Para atingir também os leitores do diário, foi preciso encontrar uma linguagem que não fizesse concessões ao texto original.

Além disso, em outra entrevista ao site *O Globo* (2017)⁹, Folman contou que, quando criança, teve acesso a vários relatos sobre o Holocausto, pois seus pais foram enviados para o campo de Bergen-Belsen, na Alemanha, no mesmo dia em que Anne Frank. Esse fato o influenciou na produção do diário na forma de quadrinhos. A obra *O diário de Anne Frank em quadrinhos* recebeu o selo *Anne Frank Fonds*, uma organização fundada em 3 de maio de 1957, com o intuito de evitar a destruição da casa onde Anne Frank e sua família buscaram refúgio durante a Segunda Guerra Mundial.

8 Entrevista dos autores à editora Record em 2017. Disponível em:

<<http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2017/10/03/o-diario-de-anne-frank-em-quadrinhos-de-ari-folman-e-david-polonsky/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

9 Entrevista dos autores ao site G1 em 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/diario-de-anne-frank-ganha-versao-em-hq-alerta-para-riscos-da-intolerancia-21874703>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BALÕES E LEGENDAS

De acordo com Cagnin (2014), existem diversos tipos de balões. Os balões presentes em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* são: balão-fala (expõem as falas das personagens); balão-pensamento (expõem os pensamentos das personagens); balão-cochicho (exibem falas sussurradas); balão-berro (mostram tom de voz elevado); balão-trêmulo (demonstram voz tenebrosa ou medo na fala da personagem); balão-vibrado (representam voz tremida); balão-glacial (representam choro ou desprezo da personagem); balões-duplos (indicam dois momentos de fala de uma mesma personagem); balões-especiais (são balões que assumem formas de figuras distintas e conotam o sentido visualmente representado) e balões sem apêndice. Na FIGURA 2, nota-se a presença de um balão-fala, em que é exposto o diálogo entre as personagens.

FIGURA 2 — Balões e legendas



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 33).

Além dos balões, as falas das personagens podem ser representadas dentro de legendas. Para Ramos (2010), caracterizam-se como uma figura retangular que não apresentam apêndice e geralmente aparecem antes da fala das personagens, representando a voz de um narrador-observador ou de um narrador-personagem. Além disso, segundo o autor, a cor da legenda pode ajudar o leitor a identificar de quem é a fala anunciada. As palavras representadas dentro das legendas podem apresentar destaques (negrito ou grifos) para chamar a atenção do leitor.

Na trama, foi possível perceber o predomínio do uso de legendas para indicar a voz narrativa de Anne (FIGURA 2). Geralmente, as legendas são contornadas e possuem coloração levemente azulada. Na obra, as falas, as reflexões e as narrações são feitas na primeira pessoa do singular, já que Anne assumiu a função de narradora, protagonista e escritora em seu diário.

Na FIGURA 2, é possível observar o uso de balões de fala. Os balões expostos na imagem possuem apêndices que indicam à qual personagem pertence as falas expostas. Na primeira vinheta, além dos balões que marcam o diálogo entre as personagens, foi utilizada a legenda, que se apresenta no formato retangular e preenche toda a largura da vinheta. Ela possui coloração azulada e, como já foi mencionado, expõe a voz narrativa de Anne.

PERSONAGENS

No que diz respeito às personagens, Cagnin (2014) afirma que todos os textos em quadrinhos apresentam personagens que podem ser realistas, caricatas ou estilizadas. As personagens consideradas realistas possuem maior semelhança com o real. Desse modo, segundo o autor, existem desenhos em quadrinhos que são criados a partir de modelos de pessoas reais ou de suas fotografias. Em relação às personagens caricatas, ocorre o exagero de seus traços físicos, “[...] personagens cômicas tendem a possuir falhas de comportamento e um

aspecto visual mais caricato, recurso muito utilizado, por exemplo, nas tiras cômicas.” (RAMOS, 2010, p. 125). Já as personagens estilizadas apresentam sempre o mesmo *design* ou estilo.

Além desses tipos de personagens, Borges (2017) sugere uma quarta classe: as personificadas. A personificação é uma figura de linguagem que permite ao autor atribuir aspectos tipicamente humanos (atos, sentimentos ou emoções) aos animais e objetos. Ainda de acordo com os autores citados, as personagens podem ser fixas ou não. Segundo Ramos (2010), em qualquer tipo de narrativa, inclusive nos quadrinhos, as personagens funcionam como referência para orientar o leitor a respeito do rumo da história. Dessa forma, o rosto da personagem e seus movimentos transmitem parte dos elementos da ação.

Segundo Cagnin (2014), as expressões faciais dos desenhos são fundamentais para relatar os tipos de personagem, assim como seus estados emocionais e seu caráter. No entanto, é muito difícil conseguir transmitir, por meio de desenhos, todas as reações humanas existentes. Desse modo, cabe ao quadrinista utilizar todos os recursos disponíveis para conseguir expressar as emoções das personagens. Além das expressões faciais, todos os demais gestos corporais são importantes para retratar tanto estado de ânimo da personagem, quanto sua ação. Sendo assim, “[...] na construção das personagens adotam-se em partes alguns princípios lombrosianos. Todos os traços informativos são previstos pelo desenhista, o espaço, as figuras, o modo de vestir, de andar, de falar, de olhar etc.” (CAGNIN, 2014, p. 116).

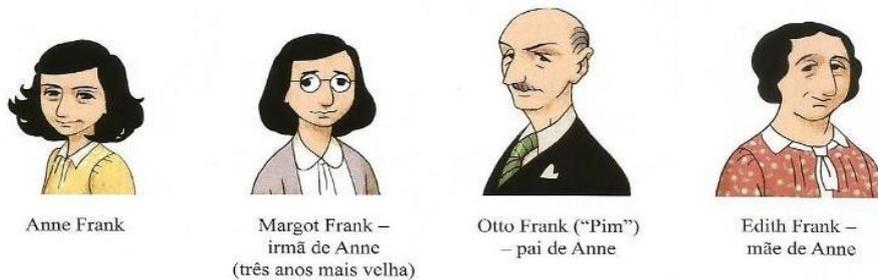
Na obra *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, as personagens caracterizam-se como fixas. As características são mantidas no decorrer da obra, são personagens constantes e não ocorre o surgimento de novas personagens ao longo da história. Além disso, a construção das características das personagens é ampliada ao longo da trama. No início da obra, as personagens são apresentadas ao leitor, sendo representadas por meio de suas respectivas imagens, nomes e uma breve descrição indicando sua função na história. Na FIGURA 3,

observa-se a apresentação das principais personagens da história: Anne Frank, Margot Frank, Otto Frank e Edith Frank.

FIGURA 3 — Apresentação das personagens

APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS
Como aparecem no Diário e seus nomes verdadeiros

A família Frank



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 7).

Além da apresentação das personagens no início da obra, as características de cada uma são ampliadas no decorrer da história. Desse modo, a partir do ponto de vista de Anne e das reflexões feitas por ela, é possível que o leitor conheça melhor as personagens. Ao mencionar seus familiares, por exemplo, Anne, movida pelos laços familiares, ampliou ainda mais as características deles. Por isso, o leitor passa a conhecer a relação entre eles. A história é constituída por quatorze personagens. Algumas dessas personagens são moradores do Anexo Secreto, como: a família Frank, a Van Daan e o Doutor Dussel. As demais personagens, amigos e funcionários de Otto Frank, não moravam no Anexo, mas frequentavam o local, levando provisões para os refugiados.

QUADRO 2 — Família Frank

Anne Frank	Narradora e protagonista da obra. Magra, baixa, cabelos curtos (um pouco abaixo do queixo) e pretos, pele branca, olhos grandes e pretos. No início da obra, Anne comentou sobre sua vida social. É possível perceber que a garota despertava paixão em vários meninos e possuía muitos amigos na escola que frequentava. Ao longo da trama, Anne tornou-se deprimida à medida que percebia como sua vida social antiga lhe fazia falta. Viver no Anexo com as mesmas pessoas por tanto tempo lhe causou uma tristeza muito grande.
Margot Frank	Irmã mais velha de Anne Frank. Magra, um pouco mais alta que Anne, cabelos curtos (um pouco abaixo do queixo) e pretos como os de Anne, porém mais alinhados; pele branca. Usava óculos e possuía olhos pretos. A menina era vista por todas as demais personagens como um exemplo a ser seguido. Margot era educada, inteligente e bondosa. No decorrer da narrativa, a garota se mostrou uma pessoa compreensiva e gentil.
Edith Frank	Mãe de Anne Frank. Massa corporal e altura medianas, cabelos escuros, sempre presos, nariz grande, olhos pretos e levemente caídos, dando-lhe um ar de cansaço. No início da trama, Anne afirmava ter pais amorosos. No entanto, após ir para o Anexo, a garota sempre reclamava sobre sua mãe. Edith estava sempre criticando as atitudes de Anne e exigindo que ela fosse mais parecida com Margot.
Otto Frank	Pai de Anne Frank. Alto, magro, possuía cabelos grisalhos e somente nas laterais da cabeça, pele branca, nariz e orelhas grandes, bigode por fazer e olhos pretos. Desde o começo da história, Otto mostrava-se um pai cuidadoso e amoroso. Durante a narrativa, ele também comparava Anne com Margot. No entanto, continuava sendo amoroso e compreensivo com Anne. No aniversário da menina, Otto a presenteou com um poema escrito por ele, que confirmava o amor que sentia pela filha. Além disso, Otto estava sempre preocupado em proteger sua família dos nazistas.

Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 34).

Por meio da narrativa de Anne, tornou-se possível enxergar com clareza sua personalidade corajosa, curiosa, sonhadora e um pouco distraída. Anne estava sempre imaginando situações. Em determinados momentos, ela se autodescrevia como uma menina aventureira e percebia a própria vivência no Anexo Secreto como uma experiência que refletiria no futuro. A garota afirmava que não queria se tornar apenas uma dona de casa comum.



Desde o início da trama, observa-se que Anne sempre foi uma garota muito solitária. As poucas amigas não eram dignas de confiança dela. Enclausurada no Anexo Secreto, Anne refletia sobre a vida e demonstrava indignação e tristeza perante os acontecimentos da guerra. Apesar da pouca idade, a menina demonstrava plena consciência dos horrores vivenciados pelos judeus e sentia uma tristeza profunda em não poder ajudar as pessoas que estavam em perigo.

Anne relatou que, em meio à escuridão noturna, via filas de pessoas sendo conduzidas pelos soldados nazistas em direção aos campos de concentração. Segundo Anne, as filas eram formadas por todos os tipos de pessoas (idosos, doentes, crianças e, até mesmo, bebês). A menina afirmava que sempre havia pensado nas pessoas que se foram; e, quando ria de algo, sentia-se culpada por estar alegre em meio a tanto sofrimento.

Por meio das falas de Anne, o leitor pode observar que Edith Frank era marcada por sua falta de compreensão com a filha (Anne Frank). Frequentemente, a mãe fazia comparações entre as duas filhas: Anne e Margot, a mais velha. Em todas elas, Margot era vista como um exemplo a ser seguido pela irmã mais nova, esta considerada desajuzada e rebelde pela mãe. Anne vivia em constante conflito com a mãe e, em alguns momentos, criticava-a de forma severa, afirmando, inclusive, que não se importaria caso Edith morresse.

Anne relacionava-se melhor com seu pai, Otto Frank. Porém, houve momentos de comparações entre as duas filhas. O excesso de qualidades atribuídas a Margot e a constante comparação (FIGURAS 2 e 4) fizeram com que Anne se sentisse injustiçada e inferiorizada em relação à irmã.

FIGURA 4 — Comparação constante entre Anne e sua irmã Margot



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 34).

Na FIGURA 4, é possível observar a oposição entre as irmãs. Independentemente da situação, Margot mantinha-se calma e serena, enquanto Anne era julgada como petulante, teimosa e desobediente.

QUADRO 3 — Família Van Daan e o dentista

Peter Van Daan	Filho do senhor e da senhora Van Daan. Baixo, magro, cabelos curtos e castanhos, nariz pequeno e levemente arrebitado, olhos pretos. No início da trama, Peter foi retratado como um menino covarde, que possuía medo das coisas mais banais. Conforme a história progredia, mostrava-se gentil e compreensivo com Anne. Essas características fizeram com que ela por ele se apaixonasse.
Auguste Van Daan	Mãe de Peter. Altura mediana, um pouco mais gorda em relação a demais personagens, usava maquiagem (sombra azul e batom vermelho), pele branca, cabelos castanhos avermelhados e sempre presos, olhos pretos. Ao ver a senhora Van Daan pela primeira vez, Anne a comparou com uma “diva do inferno”. Essa má impressão se confirmou durante a história, pois a mulher mostrava-se arrogante, egoísta, vaidosa e estava sempre fazendo comentários maldosos sobre Anne.
Hermann Van Daan	Pai de Peter. Massa corporal e altura medianas, nariz grande, branco. Possuía cabelos ralos e com duas colorações (castanho com algumas partes grisalhas), olhos pretos. Trabalhava para Otto. Hermann estava sempre chamando a atenção de sua esposa para que ela controlasse sua personalidade peculiar.
Albert Dussel	O dentista. Baixo, magro, cabelo curto e castanho, pele branca e olhos pretos. Começou a morar no Anexo um tempo depois que as demais personagens. Era desorganizado e egoísta, pois escondia as comidas que ganhava de sua amada

	embaixo da cama e comia-as escondido de madrugada, para não ter que dividir com as outras pessoas. No entanto, durante a história, o dentista não negava ajuda às pessoas e exercia sua profissão todas as vezes que alguém precisava de um cuidado médico.
--	---

Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 34).

No desenrolar do narrar de Anne, houve a ampliação das características dos demais moradores do Anexo Secreto. O senhor Van Daan se autodeclarava como um sujeito pouco modesto e extrovertido. Peter demonstrava uma falta de coragem diante de diversas situações banais. Entretanto, aos olhos de Anne (que se apaixonou por ele), era visto como um menino corajoso, bondoso e gentil.

Marcada pelo egoísmo, a senhora Van Daan escondia todos os itens considerados “essenciais para damas” embaixo da própria cama. Além disso, estava sempre criando intrigas entre Anne e os demais moradores do Anexo (FIGURA 2). Para notar a intriga existente entre as personagens, além da leitura das falas, é importante que o leitor observe suas expressões faciais: Anne estava irritada com os comentários da senhora Van Daan. A mãe de Anne parecia ter desaprovado o comentário. Já a senhora Van Daan demonstrava “desdém”. Isso pode ser observado tanto na expressão facial, quanto no ato de lixar as unhas, como representado na primeira vinheta.

Outras personagens externas ao Anexo Secreto contribuíram para a sobrevivência dos moradores ali escondidos (QUADRO 4).

QUADRO 4 — Outras personagens

Victor Kugler	Funcionário da empresa Opeka. Baixo, magro, cabelos pretos e curtos, branco, olhos pretos com as laterais de fora levemente curvadas para baixo. Assumiu a direção da empresa de Otto, para que ele se escondesse no Anexo. Muito fiel a Otto, participou de uma reunião com uma delegação alemã sobre uma transação muito importante. Quando todos os outros ajudantes precisavam se afastar por motivos de saúde, o senhor Kugler ficava responsável por toda a ajuda destinada aos moradores do Anexo, inclusive tentava despistar curiosos que estavam suspeitando que havia algo irregular dentro da empresa.
---------------	--

Jo Kleiman	Contador nas empresas Opeka e Pectacon, pertencentes a Otto. Alto, magro, cabelos ralos em duas colorações (castanho com as laterais grisalhas), orelhas grandes, olhos claros. Usava óculos. Assumiu a direção da empresa de Otto ao lado de Kugler. Comprava pães, de forma clandestina, para levar até o Anexo. Durante a trama, precisou fazer uma cirurgia no intestino. Quando a empresa foi invadida por ladrões, ficou responsável por avisar os moradores do Anexo que os ladrões tinham ido embora. Vendeu objetos da família Van Daan para arrecadar dinheiro.
Johan Voskuijl	Administrador do depósito da empresa Opeka e pai de Bep. Baixo, magro, cabelos curtos e pretos, branco, olhos pequenos e escuros. Ao longo da trama, teve uma crise de úlcera, que o levou a fazer uma cirurgia. Durante a cirurgia, os médicos descobriram que Voskuijl tinha um câncer em estado avançado e pouco tempo de vida.
Bep Voskuijl	Secretária na Opeka e filha de Johan Voskuijl. Baixa, magra, cabelos castanhos escuros que vão até os ombros, pele branca, olhos bem pequenos e pretos. Usava óculos. Bep estava sempre à disposição dos moradores do Anexo. Em um determinado momento até se ofereceu para levar Anne ao oftalmologista. Quando seu pai (Johan Voskuijl) descobriu o câncer, Bep passou a cuidar dele na maior parte do tempo.
Miep Gies	Secretária de Otto. Baixa, magra, cabelos castanhos claros e compridos, pele branca e olhos azuis. Ajudou a levar os pertences da família Frank para o esconderijo. Era muito bondosa. Ao ir comprar um livro para o senhor Dussel, foi atropelada por uma moto da SS e se machucou, tendo que se afastar por um tempo.
Jean Gies	Marido de Miep. Alto, magro, cabelos curtos e volumosos, branco, olhos azuis. Usava óculos e possuía os lábios grandes. Ajudou a esposa a levar os pertences dos Frank para o Anexo Secreto.

Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 34).

Como já foi mencionado, as personagens podem ser realistas, caricatas, estilizadas (CAGNIN, 2014) ou personificadas (BORGES, 2017). As personagens analisadas são realistas, pois foram baseadas em pessoas reais; caricatas por apresentarem características físicas exageradas, em alguns momentos as personagens recebem, inclusive, características de animais (pelos, focinho, bico, presas e garras); e estilizadas, por apresentarem sempre o mesmo estilo. Além disso, foi possível notar a existência de uma personagem personificada: o

diário, pois o objeto é, a todo o momento, tratado por Anne como se fosse sua melhor amiga. Recebeu o nome de Kitty. De acordo com as falas da menina, parecia possuir sentimentos.

TEMPO E ESPAÇO

De acordo com Cagnin (2014), existem seis tipos de tempo na linguagem dos quadrinhos: sequência de um antes e um depois, época histórica, tempo astronômico, tempo meteorológico, tempo da narração e tempo de leitura.

FIGURA 5 — Passagem do tempo



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 16).

O tempo *sequência de um antes e um depois* é marcado pela elipse — omissão dos elementos de uma sequência para outra. Trata-se de uma ação não apresentada na vinheta, mas que o leitor subentende que ocorreu ao observar a sequência das vinhetas. Assim, ao comparar o antes e o depois da cena, o leitor percebe que ocorreu uma mudança temporal. Ao analisar as vinhetas da FIGURA 5, nota-se a passagem do tempo na comparação das ações das personagens, pois, na primeira vinheta, apareceram dentro da piscina e, na segunda vinheta, estavam saindo da piscina.

Seguindo o mesmo raciocínio de Cagnin (2014) sobre a sequência de um antes e um depois, Ramos (2010, p. 128) afirma que “[...] quanto maior o número de vinhetas para descrever uma mesma ação, maior a sensação e o prolongamento do tempo”. Em contrapartida, “[...] quanto maior o corte entre uma cena e outra e menor o número de quadrinhos, menor a presença de um mesmo momento” (RAMOS, 2010, p. 129). Desse modo, o tempo em que ocorre a narração pode ser calculado a partir da comparação entre uma vinheta anterior e a seguinte ou pode ser revelado em uma única vinheta¹⁰. Na FIGURA 4, observou-se que foram usadas duas vinhetas, para mostrar que o soldado nazista expulsava os judeus da piscina. Assim, as sequências das imagens transmitem ao leitor um prolongamento da ação.

Outro tipo de tempo abordado por Cagnin (2014) é o da *época histórica*. Trata-se de uma referência a algum momento sócio-histórico que constitui o mundo real, fazendo-se uso da linguagem dos quadrinhos. Além disso, as imagens presentes na HQ biográfica auxiliam o leitor a identificar o período sócio-histórico referido. Na FIGURA 5, por exemplo, nota-se a imagem de um guarda. Com o auxílio da fala de Anne, o leitor consegue deduzir que se trata do período do Holocausto na Alemanha, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Outras imagens presentes na obra remetem ao período, como: explosões, aviões de guerra, campos de concentração, até a figura de Adolf Hitler é retratada.

10 Quadrinho e vinheta são sinônimos quando referentes a cada quadro de uma sequência narrativa de uma HQ.

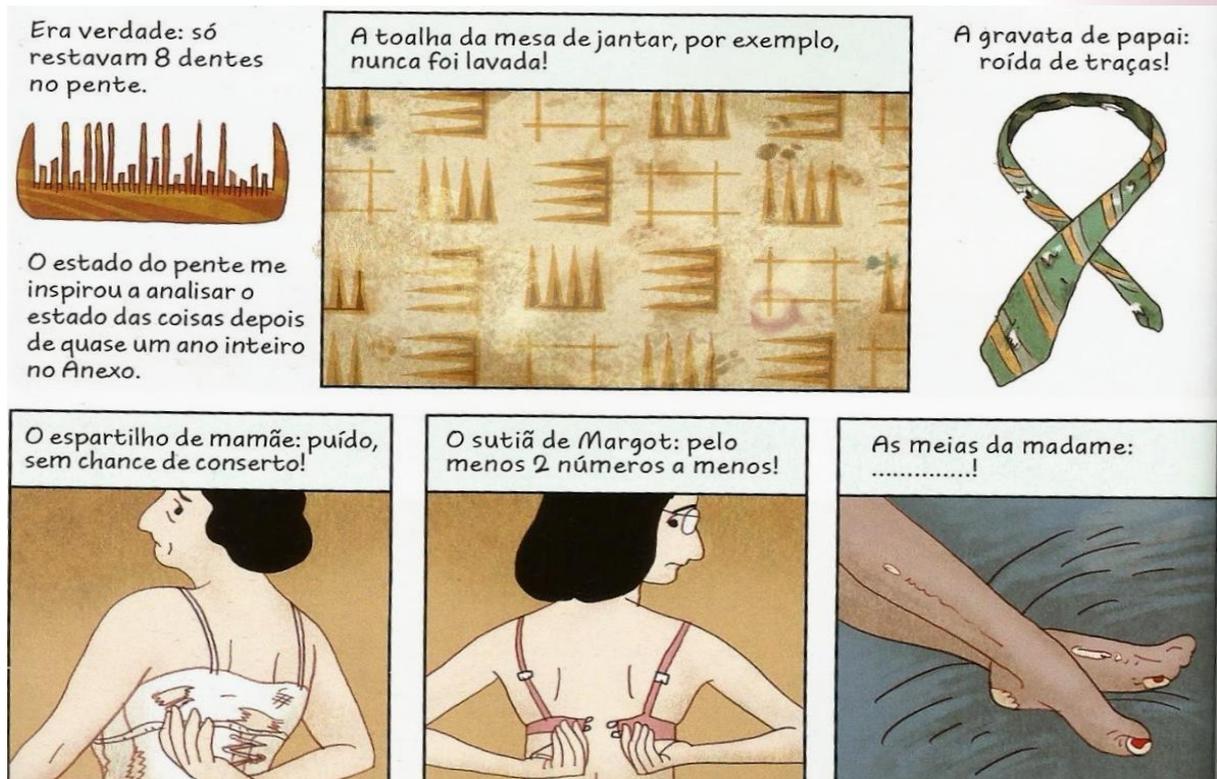


O *tempo astronômico* diz respeito à utilização de imagens do sol e da lua para indicar, respectivamente, o dia e a noite. Já o *tempo meteorológico* descreve as mudanças climáticas vivenciadas pelas personagens por meio do cenário e das roupas que elas vestem. É notável esses dois tipos de tempo na FIGURA 5. Na imagem, expõe-se o tempo astronômico, representado pelo sol e céu azul-claro. O tempo meteorológico indica verão, pois as pessoas usavam traje de banho e se refrescavam na água.

Cagnin (2014) ainda aborda mais dois tipos de tempo: o *tempo da narração*, que está ligado à forma como a ação se desenvolve na obra; e o *tempo de leitura*, referente à linearidade construída nos quadrinhos, que impõe um ritmo de leitura ao leitor. Em uma única vinheta, existem três tempos de leitura: o futuro (o que ainda não foi lido), o presente (o que está sendo lido) e o passado (o que já foi lido). De acordo com Ramos (2010), também é possível notar a passagem do tempo à medida que as personagens envelhecem e por meio da marcação das datas, pois é comum que o diarista anote a data do dia em descrição.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, observou-se outro recurso para marcar o tempo. Em um determinado momento da narrativa, Anne começou a observar como os objetos utilizados diariamente pelos moradores do Anexo se desgastaram com o passar dos dias.

FIGURA 6 — Passagem do tempo por meio do desgaste dos objetos



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 34).

Na FIGURA 6, é possível observar que o pente da senhora Frank quase não possuía dentes e a toalha da mesa estava cheia de manchas, pois, depois de tanto tempo de uso, nunca haviam sido lavadas. Anne também mencionou a gravata de seu pai, que fora roída por traças; o espartilho de sua mãe, o qual ficara todo rasgado pelo uso excessivo; o sutiã de sua irmã, que não mais servia na menina e as meias da senhora Van Daan, já desfiadas com o passar do tempo.

Cagnin (2014) e Ramos (2010) apontam o espaço como outro recurso característico da linguagem dos quadrinhos. Para ambos, tempo e espaço estão interligados. A representação do espaço pode ocorrer de diversas formas dentro das HQs, por exemplo: a “[...] imagem de uma paisagem ou até mesmo do espaço sideral” (RAMOS, 2010, p. 136). Existem, para o mesmo

estudioso, dois tipos de espaço que merecem destaque: o espaço concreto — aquele que realmente existe e se caracteriza por ser algo físico — e o espaço simbólico — referente aos espaços imaginados pelas personagens e só existentes na imaginação delas.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, os espaços físicos retratados foram: o Anexo Secreto, espaço onde ocorreu a maior parte da trama (FIGURA 1); as ruas da cidade; as antigas moradias da família Frank; a natureza (árvores e animais); a escola onde Anne estudava e os campos de concentração. No que diz respeito aos campos de concentração, é possível traçar uma relação entre tempo e espaço. O campo de concentração de Westerbork indica o Holocausto — o massacre dos judeus — momento que faz parte da história da Humanidade.

No desenvolvimento da trama, é recorrente Anne utilizar sua imaginação para vivenciar novas situações. Dessa forma, tornou-se comum o uso de espaços simbólicos na construção da história, ou seja, espaços que estão ligados diretamente ao pensamento de Anne.

FIGURA 7 — Espaço simbólico



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 29).

Quando percebera que estava apaixonada por Peter, Anne começou a imaginar seu futuro ao lado de seu grande amor. Anne contou para seu pai sobre os sentimentos que possuía por Peter e Otto a alertou dizendo que o garoto agia sob a influência dos próprios pais e que poderia ser facilmente manipulado. Desse modo, observando a FIGURA 7, é possível notar a retratação em um espaço simbólico, visto que Anne imaginou estar no fundo do mar, sendo Peter uma água-viva. Em um momento, tal água-viva pareceu inofensiva e, no instante seguinte, atacou Anne, causando-lhe queimaduras.

PLANOS E ÂNGULOS DE VISÃO

Ao observar uma HQ, é possível perceber que as vinhetas possuem planos e ângulos variados. Segundo Ramos (2010), por meio do corpo humano, diferem-se os planos e os ângulos de visão. Os planos se assemelham ao botão de “zoom” de uma máquina fotográfica. Desse modo, se o corpo humano estiver bem distante do visor, o recurso tecnológico pode aproximar a imagem até que seja possível identificar e realçar o rosto da pessoa. O contrário também pode ocorrer, ou seja, se o corpo humano estiver próximo, é possível distanciar a imagem.

De acordo com Acevedo (1990), existem seis planos de visão:

- a. plano geral ou panorâmico: expõe-se a figura humana por completo, em conjunto com o espaço.
- b. plano total ou de conjunto: o corpo humano é representado de forma mais próxima, obtendo mais destaque em relação ao restante do cenário.
- c. plano americano: apresenta-se a personagem dos joelhos para cima. Desse modo, seu rosto se destaca na vinheta.
- d. plano médio ou aproximado: reapresenta-se a personagem da cintura para cima. É possível que o leitor observe melhor as expressões faciais das personagens, pois os traços do rosto se destacam.

e. primeiro plano: o corpo humano é retratado dos ombros para cima, realçando ainda mais as expressões faciais.

f. plano de detalhe, pormenor ou *close-up*: foca-se nos detalhes do rosto da personagem ou em objetos.

Cagnin (2014) acrescenta um sétimo, o plano de perspectiva. Trata-se da soma de diferentes planos em uma mesma vinheta.

Os planos podem ser vistos sob três ângulos. Segundo Acevedo (1990), ao olhar uma folha, o leitor pode observá-la de cima, com a cabeça inclinada para frente. Caso ele mude de posição, passará a observar o papel sob outro ângulo. Sob o ângulo médio, a cena é observada à altura dos olhos do leitor. Quando a cena é vista de cima para baixo, configura-se o ângulo de visão superior (*plongé* ou picado). O inverso constitui o ângulo inferior (*contra-plongé* ou contrapicado).

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, foi observada a presença variada de planos e ângulos de visão. Na FIGURA 1, composta por apenas uma vinheta e que retrata o Anexo Secreto, os objetos são apresentados a partir do plano de detalhe sob o ângulo médio. A FIGURA 2 é composta por três vinhetas. Na primeira vinheta, nota-se o uso do plano de perspectiva, porque as personagens são dispostas em planos diferentes: primeiro plano (Edith e a senhora Van Daan) e, ao fundo, Anne. Já na segunda e terceira vinhetas, mostram-se as personagens do ombro para cima, ou seja, em primeiro plano, focando em suas expressões faciais. O ângulo de visão apresentado nas três vinhetas da FIGURA 2 é o médio.

Assim como ocorre na segunda e na terceira vinheta da FIGURA 2, na FIGURA 3 (composta de uma única vinheta), o primeiro plano foi utilizado sob o ângulo médio de visão. Na FIGURA 4 (composta por uma vinheta), diferentes imagens de Anne e Margot são ilustradas, para que uma comparação seja feita. Ambas são retratadas da cintura para cima

(plano médio). Em relação ao ângulo de visão, observou-se que a imagem é observada na altura dos olhos do leitor.

A FIGURA 5 é constituída por três vinhetas. Na primeira, configura-se o plano panorâmico, pois as personagens e o espaço são retratados a ponto de mostrar ao leitor onde está ocorrendo o fato. Na segunda, há uma redução do cenário para enfatizar a ação do soldado em expulsar os judeus da piscina. Já na terceira vinheta, Anne e Margot foram retratadas em primeiro plano. Neste momento, muda-se o ângulo de visão de médio para inferior.

Na primeira, segunda, terceira e sexta vinhetas da FIGURA 6, os objetos são destacados, posicionando-os de forma que os detalhes se tornam evidentes (plano detalhe). O pente e os sutiãs são vistos pelo leitor sob o ângulo médio, à altura dos olhos. Porém, a toalha e a meia são vistas sob o ângulo superior.

Na FIGURA 7, Anne é retratada de corpo inteiro, configurando o plano geral. Há uma redução do espaço simbólico. Peter, comparado a uma água-viva, é apresentado ora a partir do plano aproximado (primeira e terceira vinhetas), ora do plano geral (Anne montado em Peter). Em todos os casos, o olhar do leitor para as vinhetas é sob o ângulo médio.

Para Anne, o diário era uma amiga (ver FIGURA 8 mais adiante). Nesse sentido, o plano geral foi o escolhido para mostrar com quem a protagonista fazia suas confidências. O gênero do diário era feminino, representado pela sombra de uma figura feminina. Assim, Anne e Kitty — o diário — possuíam a mesma estatura, sendo perceptível ao leitor sob a ótica do ângulo médio.

Por último, na FIGURA 9 (mais adiante), constituída por duas vinhetas, notou-se, na primeira vinheta, plano e ângulo médio: o leitor vê a cena como se estivesse ao lado de Anne. Já na segunda vinheta, o foco recai na ação de Anne em escrever no diário, sendo necessária a mudança do ângulo de médio para o superior.

Verificando o posicionamento das personagens (planos) e a partir do ângulo que tal posicionamento é visto, cada um foi utilizado de acordo com o sentido que os autores da obra – Ari Folman e David Polonsky — desejavam expressar. Na FIGURA 4, por exemplo, as irmãs Anne e Margot foram retratadas da cintura para cima e não aparecem balões de fala na vinheta. Nota-se que não foi preciso retratar o corpo todo das garotas nem expor um diálogo existente entre elas, pois as expressões faciais e os gestos foram suficientes para mostrar ao leitor as comparações feitas entre elas.

NOVELA GRÁFICA

Segundo García (2012), a característica principal da novela gráfica não está no número de páginas que a compõe. Também afirma que, para que uma obra seja considerada uma *novela gráfica*, não é necessário que ela aborde temas autobiográficos. Assim, a novela gráfica representa a consciência livre de seu criador, tornando evidente a autoria de HQ, seja biográfica, seja autobiográfica, seja de aventura, seja de terror, seja de suspense, dentre outras.

Segundo Ramos (2010), quando se trata de *novela gráfica*, é importante ressaltar que não há um consenso em relação à sua definição. De acordo com Ramos e Figueira (2014), a dificuldade em defini-la já está estabelecida em seu próprio nome (os termos *graphic novel* ou *romance gráfico* também são utilizados para referir-se à novela gráfica), visto que ele pode estar ligado à literatura. Assim, infere-se que tal ligação pode fazer com que a novela gráfica seja tratada como inferior à literatura. Seguindo tal ideia, García (2014, p. 14) afirma que as novelas gráficas “[...] são uma forma artística com entidade própria, e não um subgênero da literatura”.

Apesar da dificuldade em definir novela gráfica, Ramos e Figueira (2014) destacam que nela se abordam temáticas realistas, apresentando grande liberdade na escolha dos temas. No entanto, os autores se contrapõem às ideias de García (2012), quando alegam que, na novela gráfica, se utiliza da linguagem dos quadrinhos para narrar histórias longas,

publicadas, geralmente, em formato de livro. Por conta dessa extensão, a novela gráfica apresenta maior detalhamento ao longo da trama, como a descrição aprofundada das personagens, do espaço e do tempo.

O DIÁRIO

De acordo com Ramos (2010), as HQs possuem uma linguagem autônoma, apresentando em sua composição o uso de balões, legendas, onomatopeias, vinhetas, personagens, imagens desenhadas, espaço, tempo e linhas cinéticas, por exemplo. Diferentes gêneros se utilizam da linguagem dos quadrinhos. Baseando-se nos estudos de Maingueneau sobre hipergênero, Ramos (2010) explica que as HQs correspondem a um grande guarda-chuva, em que são agrupados diferentes gêneros narrativos, cada um com suas particularidades (charge, cartum, tira cômica, HQs de aventura, HQs de terror, HQs biográfica etc.). Desse modo, *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, por ser uma narrativa e por compartilhar da linguagem dos quadrinhos, faz parte desse hipergênero.

No entanto, ao mesmo tempo em que a obra faz parte do hipergênero das HQs, ela possui particularidades diferentes, por exemplo, da tira cômica, quando é vista a partir da teoria bakhtiniana sobre os gêneros do discurso. Dessa forma, um dos desafios encontrados durante a análise de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* diz respeito ao gênero, pois, além de pertencer ao hipergênero das HQs, como já foi mencionado, a obra fica indefinida entre os gêneros autobiografia e biografia.

Lejeune (2008, p. 14) define a autobiografia como uma “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Segundo o autor, para que exista autobiografia, é necessário que haja uma relação entre as identidades do autor, narrador e personagem.

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa) o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima – diário, auto-retrato, auto-ensaio – (LEJEUNE, 2008).

Desse modo, foi observado que *O diário de Anne Frank*, publicado em 1947, é uma autobiografia, pois Anne é a autora, narradora e protagonista da obra. Lejeune (2008) considera o diário uma forma de autobiografia. Sendo assim, dedica grande parte de sua pesquisa ao estudo de diários pessoais, chegando a mencionar a própria obra *O diário de Anne Frank* (1947) em seus escritos como exemplo.

Lejeune (2008) ainda menciona que existem milhares de diários pessoais espalhados pelo mundo, geralmente escondidos “a sete chaves”. A maioria desses diários jamais serão publicados. Porém, em alguns casos excepcionais, são publicados e passam a circular no espaço público, como ocorreu com *O diário de Anne Frank*. Para ele, certamente *O diário de Anne Frank* não teria sido publicado se Anne tivesse sobrevivido. No entanto, sua publicação estimulou outras pessoas a escreverem em diários. Se o diário de Anne não tivesse sido publicado, seria o verdadeiro exemplo de diário íntimo/pessoal, por seu conteúdo permanecer totalmente confidencial.

Apesar de o diário se tornar público, alguns aspectos ainda se mantêm restritos à obra original. Por isso, o leitor pode se perguntar como seria a versão original do diário, visto que a obra publicada passou por edição. Sendo assim, alguns aspectos podem sofrer modificações, como o estilo (antes manuscrito, agora datilografado), a cor e o tamanho das letras, o emprego de desenhos ou colagens para ilustrar a história, o tipo e o tamanho do papel utilizado na impressão do texto, dentre outros.

No caso da versão em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*, publicada em 2017, ocorreu uma grande modificação da obra em prosa, de 1947 (que já havia modificado o diário

original), já que ela foi reescrita a partir do uso da linguagem quadrinística, como já mencionado. Desse modo, vale ressaltar que, segundo Ramos (2010, p. 19), “[...] o importante é fixar a ideia de que quadrinhos e literatura são linguagens diferentes, que abrigam uma gama de gêneros diferentes”.

Uma das principais mudanças ocorridas em *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, de 2017, em relação à obra de 1947, é fato de que a versão em quadrinhos se caracteriza como uma biografia, pois traz o relato em primeira pessoa da própria protagonista Anne Frank. Porém, trata-se de uma história recontada a partir da perspectiva dos autores Ari Folman e David Polonsky. Ao contrário da autobiografia em que autor, narrador e personagem estavam interligados, na biografia existe a relação entre narrador e personagem, modificando o autor. Com a análise da estrutura da obra *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (2017), observou-se que ocorre um hibridismo entre os gêneros HQ biográfica e diário pessoal.

Desse modo, adotou-se a seguinte posição neste trabalho: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* é uma HQ biográfica, porque apresenta a linguagem quadrinística em sua constituição e reconta a autobiografia de Anne, publicada em 1947, sob o olhar de novos autores. Além disso, a obra possui o formato de novela gráfica, pois este foi o tipo de suporte utilizado para sua publicação.

De acordo com Lejeune (2008, p. 84), “[...] diário significa uma escrita cotidiana: uma série de vestígios datados”. A primeira coisa que um “diarista” (termos do autor) faz antes de escrever em seu diário é anotar a data referente ao dia em que ocorreu o fato descrito. Segundo o estudioso, escrever em um diário é uma atividade discreta e, na maioria das vezes, passageira, pois as pessoas costumam recorrer ao diário somente em um período de crise, em uma viagem ou em uma determinada fase da vida, geralmente na adolescência.

Além disso, o diário não pode ser comparado a um espelho que reflete tudo fidedignamente. Segundo Lejeune (2008), o diário é como um filtro, pois contém apenas os

conteúdos que o diarista achou mais importante em relatar “[...] das inúmeras facetas possíveis de um dia, ele só retém uma ou duas, correspondentes ao que é problemático” (LEJEUNE, 2008, p. 296). Quanto à classificação do diário como gênero, “[...] o diário não é, em primeiro lugar, um gênero literário, mas uma prática. Seu surgimento como gênero literário é um epifenômeno”. (LEJEUNE, 2008, p. 84).

O diário possui destinação, conteúdo e forma. Em relação à destinação, Lejeune (2008) afirma que ela variou muito ao longo dos anos: “[...] os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem também na esfera privada, depois individual, e, enfim, na mais secreta intimidade.” (LEJEUNE, 2008, p. 261). O conteúdo dos diários depende muito do que o indivíduo deseja registrar. Portanto, pode ser qualquer assunto. No que diz respeito à forma, Lejeune (2008) afirma ser livre, podendo variar desde uma simples narrativa até uma escrita mais lírica.

Para Lejeune (2008), o diário possui várias funções e pode servir para que as pessoas possam:

- a. armazenar memórias: recordação dos fatos, escritos e os quais futuramente serão lembrados quando forem lidos;
- b. sobreviver: elas fixam o passado e ficam apreensivas em relação ao futuro;
- c. desabafar: o diário é um tipo de confidente; por meio dele, as pessoas falam de suas emoções sem constranger os outros;
- d. conhecer-se: ao falarem sobre suas emoções, os sujeitos passam a se conhecer melhor;
- e. deliberar: a partir da escrita nos diários, as pessoas refletem e tomam decisões;
- f) resistir: em um momento difícil, os sujeitos podem utilizar o diário como um apoio e um encorajamento para seguir em frente;
- g. pensar: escrever em um diário possibilita novas ideias de escrita;



h. escrever: por meio do diário, as pessoas aprendem a transformar seus pensamentos em palavras escritas.

Com base nessas funções, é possível refletir sobre os motivos que levaram Anne Frank a aderir essa forma de escrita. Ao chegar ao Anexo Secreto, Anne se sentia completamente sozinha. A necessidade em compartilhar seus pensamentos e sentimentos mais profundos, assim como os acontecimentos do dia a dia, fez com que a garota dedicasse grande parte de seu tempo ao diário ganhado em seu último aniversário.

É notável que, ao escrever em seu diário, Anne, além de armazenar suas memórias e desabafar-se com ele, utilizou-o como uma forma de apoio para enfrentar o sofrimento e os desafios cotidianos impostos pelo isolamento no Anexo Secreto. A garota também pôde se conhecer melhor, pois, diversas vezes, refletiu sobre seus pensamentos e decisões.

Anne via no diário a possibilidade de desabafar e fugir da realidade tão perversa em que se encontrava. Conseqüentemente, como forma de consolidar o objeto em algo mais humano, a garota personificou o diário, fazendo com que ele se tornasse uma companhia significativa em sua vida. A primeira personificação, atribuição de características humanas a seres inanimados feita por Anne com relação ao diário, foi a de atribuir-lhe um nome próprio. O diário recebeu o nome de Kitty e tornou-se a melhor amiga de Anne. Desse modo, o objeto do gênero masculino (diário) passou a ser tratado a partir do gênero feminino.

FIGURA 8 — Personificação do diário

Querida Kitty, espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 29).

O afeto que Anne sentiu pelo diário é notável, porque, além da nomeação, muitas vezes, empregava o vocativo “querida” antes de mencionar o nome Kitty (FIGURA 8). Assim, o diário é sempre referido por ela como “Querida Kitty”, passando a ser a confidente de Anne. Como intermediária, Kitty possibilitou ao leitor o acesso às reflexões de Anne sobre o mundo, sobre si mesma e sobre as outras pessoas. Além do vocativo “querida” e do nome Kitty, é possível perceber, por meio da imagem (FIGURA 8), outros recursos utilizados para a personificação do diário, por exemplo, a sombra de uma menina que sai de dentro das páginas do livro. É como se o diário representasse realmente uma amiga para Anne. A posição

de Anne retratada na FIGURA 8, com as pernas cruzadas e cochichando no ouvido da menina na forma de sombra, indica que ela se sentia à vontade ao contar seus segredos para Kitty.

FIGURA 9 — Interação entre Anne e Kitty



Fonte: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (FOLMAN; POLONSKY, 2017, p. 29).

É importante ressaltar, que além de atribuir um nome ao diário, Anne preocupou-se com os sentimentos de Kitty (FIGURA 9). Na primeira vinheta, a garota disse que passou algum tempo antes que ela pudesse escrever “para o diário” e não “no diário”, ou seja, é como se o objeto fosse realmente ouvi-la. Já na segunda vinheta, Anne personificou novamente o diário ao dizer “com certeza você quer saber”. Essa interação entre a garota e Kitty ocorreu várias vezes ao longo da trama e, em algumas delas, Anne desabafou sobre os horrores da guerra e se desculpou com o diário por fazê-lo ter contato com tanta tristeza.

Na obra em quadrinhos, expõem-se trechos do texto autobiográfico *O diário de Anne Frank*, de 1947. Tais trechos, geralmente, apresentam reflexões mais extensas de Anne sobre sua vida. Os principais assuntos abordados pela garota são referentes aos julgamentos que as pessoas que a cercavam faziam a seu respeito. Em um trecho, ela afirmou que as críticas



recebidas a magoavam profundamente, fazendo com que adormecesse chorando quase todos os dias. No entanto, Anne não gostava de demonstrar tristeza, por isso sempre sorria quando estava entre as pessoas.

Em momentos de alegria ou de tristeza, Anne sempre recorria ao diário para relatar os grandes acontecimentos. Levando-se em consideração a personificação que a garota atribuiu ao objeto e a forma afetiva como ela se dirigia a ele, é possível perceber que, diante de um período tão difícil como o que Anne estava vivenciando, o diário foi de extrema importância para que ela não se sentisse tão só. O diário, ao contrário dos outros moradores do Anexo, estava sempre disposto a ouvi-la e não criticava sua forma de agir e pensar.

VINHETAS

De acordo com Ramos (2010), as vinhetas podem ter formatos variados. Elas podem assumir formas retangulares, quadradas ou até mesmo circulares. O formato da vinheta depende do objetivo do quadrinista. As vinhetas possuem um contorno que serve para marcar graficamente a narrativa que ocorre dentro dela e para indicar o momento em que se passa aquele fragmento da história.

O tipo de contorno depende do tempo e do espaço que o autor pretende representar. Para Ramos (2010, p. 98), o contorno em linha reta é o mais utilizado, pois “[...] funciona como uma espécie de marco zero, servindo de referência para outras possibilidades de contorno. Ela indica o momento vivido pelas personagens, seja em qual época for”. O contorno também pode indicar o tempo. Desse modo, a linha reta faz referência ao presente vivido pelas personagens, já o passado é representado por contornos ondulados ou tracejados. O contorno ondulado também pode ser utilizado como uma das maneiras de indicar os sonhos ou imaginação das personagens.

As vinhetas podem não apresentar nenhum tipo de contorno. A leitura não seria dificultada, porém exigiria do leitor a capacidade de imaginar o contorno. Além disso, Ramos (2010) afirma que o contorno não deve servir de limite para a vinheta. Assim, a personagem pode ultrapassar o contorno da vinheta.

Levando-se em consideração os estudos de Ramos (2010), é possível perceber que diferentes tipos de vinhetas foram utilizados na constituição de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*. Na FIGURA 1, foi retratado um espaço físico, o Anexo Secreto. Tal figura é formada por uma única vinheta, sem contorno, ocupando uma página inteira da obra. O mesmo ocorre com a FIGURA 8, pois ela também apresenta uma única vinheta, não tendo contorno e ocupando uma página inteira. No entanto, o espaço retratado é simbólico, como ocorre na FIGURA 1.

A FIGURA 2 é composta por três vinhetas. A primeira possui o dobro de largura em comparação a outras duas, havendo a exposição de três personagens: Anne, sua mãe e a senhora Van Daan. Contudo, o diálogo ocorre apenas entre a senhora Van Daan e Anne. Na segunda vinheta, foi retratada somente Anne; e, na terceira, aparece somente a senhora Van Daan. É como se a segunda e a terceira vinheta servissem para dar um “zoom” em cada uma das personagens que estavam dialogando na primeira vinheta. Vale ressaltar que todas as vinhetas da FIGURA 1 possuem contorno em linha reta.

Quando se analisa a FIGURA 4, é possível observar vinhetas sem contorno. Nelas, é feita a comparação entre Anne e sua irmã mais velha, Margot. Cada garota é retratada duas vezes: para cada par, imagina-se uma cena, um aspecto comparado entre elas. Porém, mesmo sem uma linha de divisão entre as personagens, é possível que o leitor compreenda que se trata de momentos diferentes.

Já a FIGURA 6 é composta por seis vinhetas, todas de tamanhos similares. Em relação à presença de borda nas vinhetas, nota-se que todos os quadros apresentam contorno em linha reta, exceto a primeira e a terceira vinheta que não são contornadas. A FIGURA 7 se

diferencia das demais FIGURAS apresentadas no trabalho. Ela é composta por três vinhetas, todas de tamanhos iguais e todas contornadas. Por último, na FIGURA 9, observa-se a presença de duas vinhetas de mesmo tamanho e contornadas em linha reta.

Com análise das vinhetas em *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, verificou-se que tanto os espaços simbólicos, quanto os espaços físicos foram representados dentro de vinhetas que possuem contorno. No entanto, no que diz respeito às vinhetas sem contorno, apesar de também retratarem os dois espaços, observou-se que, na maioria delas, foram expostos os espaços simbólicos.

CONCLUSÃO

Com a análise de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, chegou-se à conclusão de que se trata de um exemplo do gênero HQ biográfica no formato de novela gráfica. É uma HQ, pois utiliza a linguagem dos quadrinhos em sua constituição; biográfica, porque se trata da autobiografia de Anne, publicada em 1947, recontada a partir do olhar de novos autores: Ari Folman e David Polonsky. Já o formato de novela gráfica é referente ao suporte pelo qual a HQ biográfica foi publicada.

Além de especificar como a linguagem dos quadrinhos foi utilizada na HQ biográfica *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (2017), a pesquisa aqui relatada contribuiu para compreender mais sobre os gêneros quadrinísticos e sobre a linguagem constituinte dos quadrinhos. Também foram adquiridos conhecimentos sobre as duas grandes guerras e observados os conflitos recorrentes na vida de uma adolescente, como os retratados por Anne sobre sexualidade, problemas familiares, preocupação com a futura profissão, o primeiro amor e vida escolar.

Com a inserção das HQs nas escolas, é necessário que o professor aprenda a adequá-las e utilizá-las no processo de ensino. Dessa forma, o professor deve ser capaz de interpretar



a linguagem quadrinística em sua totalidade. Para isso, precisa levar em consideração tanto seu aspecto verbal quanto o não verbal (visual).

A utilização das HQs como material didático incentiva os alunos a lerem mais e proporciona-lhes reflexões sobre as temáticas abordadas. No caso de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, o aluno terá contato com o contexto sócio-histórico da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o antissemitismo, a religião judia, podendo observar como o preconceito e a intolerância são capazes de destruir um povo e causar tanto sofrimento às pessoas discriminadas. Desse modo, pode-se afirmar que o ensino, por meio das HQs, colabora de forma expressiva para o desenvolvimento educacional (influenciando em suas produções e interpretações textuais) e humano dos alunos.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, J. *Como fazer história em quadrinhos*. Trad. De Sílvio Neves Ferreira. São Paulo: Global Editora, 1990.

BORGES, M. I. Tiras cômicas: personificação e humor. In: ANAIS DO VI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, III ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM. v. 15. 2017. *Anais*. Londrina. Universidade Estadual de Londrina. p. 53-75. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017/index.php/anais/>. Acesso em: 23 abril 2019.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014.

CARNEIRO, M. L. T. *Holocausto: crime contra a Humanidade*. São Paulo: Ática, 2005.

FOLMAN, A.; POLONSKY, D. *O diário de Anne Frank em quadrinhos*. Tradução de Raquel Zampil. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2017.



GARCÍA, S. *A novela gráfica*. Trad. De Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAMOS, P. *A linguagem dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, P.; FIGUEIRA, D. *Graphic novel*, narrativa gráfica, novela gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo. In: RAMOS, P.; FIGUEIRA, D.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014. p. 185-207.

RODRIGUES. L. C. B. *A Primeira Guerra Mundial*. 8. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

SANTOS, R. E. dos; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *Eccos. Rev. Cient.*, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://periodicos.uninove.br/index.php?journal=eccos&page=article&op=view&path%5B%5D=3498&path%5B%5D=2269>. Acesso em: 28 fev. 2019.

VIZENTINI. P. F. *As Guerras Mundiais (1914-1945)*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.

Entrevista dos autores à editora Record, 2017. Disponível em: <http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2017/10/03/o-diario-de-anne-frank-em-quadrinhos-de-ari-folman-e-david-polonsky/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Entrevista dos autores ao site G1, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/diario-de-anne-frank-ganha-versao-em-hq-alerta-para-riscos-da-intolerancia-21874703>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Página oficial *Anne Frank House*. Disponível em: <https://web.annefrank.org/pt/Anne-Frank/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Envio: Julho de 2020

Aceite: Novembro de 2020